

FOLHA DE OPINIÃO



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE EMPRESAS PETROLÍFERAS

A importância da Refinação na União Europeia

Por diversas vezes temos manifestado as nossas reservas quanto ao rumo seguido pela União Europeia em termos de Política Energética.

Embora o façamos como parte interessada e sejamos normalmente considerados defensores da utilização de combustíveis obsoletos, cujo desaparecimento aliviaria o planeta da maioria dos impactos negativos a que está sujeito, a verdade é que somos realistas e, não só reconhecemos a necessidade de um modelo energético sustentável e capaz de travar o evidente fenómeno do aquecimento global, como queremos fazer parte da solução.

Nesse sentido, o lançamento da União Energética Europeia (European Energy Union) foi uma iniciativa acolhida com expectativa e bem-vinda pela Indústria Petrolífera Europeia, representada pela FuelsEurope¹, que desde logo manifestou a sua forte vontade de contribuir para o processo conduzido pela nova Comissão Europeia. Consideramos que uma abordagem integrada - em que vários comissários definam em conjunto a política energética - é a mais adequada para identificar e permitir o equilíbrio entre competitividade, sustentabilidade e segurança do abastecimento.

A Comunicação da União Energética publicada pela Comissão em 25 de Fevereiro (http://ec.europa.eu/priorities/energy-union/index_en.htm), destacou de forma

¹ Organização que representa junto das instituições da UE os interesses de 42 empresas que operam refinarias na UE e cujos membros são responsáveis por quase 100% da sua capacidade de refinação de petróleo e por mais de 75% das vendas de combustíveis rodoviários no setor do retalho

correta a importância de mercados de energia abertos e livres, mas perdeu o foco essencial quanto a como isso vai gerar emprego e crescimento, bem como pela ausência de uma referência explícita ao papel dos produtos petrolíferos na economia.

Descrever uma visão de longo prazo para os sistemas de energia da Europa numa economia de baixo carbono competitiva é importante e as cinco dimensões propostas são partes essenciais. O pacote da Comissão da União Energética descreve esse futuro, focando a importância do mercado interno da eletricidade da UE e medidas para o fazer funcionar; a importância da eficiência energética no uso final; a segurança do abastecimento; e a investigação e inovação. No entanto, a comunicação falha em, pelo menos, três elementos chave:

Em primeiro lugar, como é que a União Energética vai fornecer energia competitiva capaz de promover o crescimento, revertendo o declínio da criação de valor industrial na Europa?

Os custos de energia na UE estão seriamente desfasados de outras regiões concorrentes e a sua abordagem deve ser uma parte essencial de uma União Energética que promova o crescimento e o emprego. Como diminuir a diferença que se tem vindo a agravar consideravelmente nos últimos anos, dos preços da energia elétrica e de gás natural entre a UE e os seus competidores mundiais?

Como é que a indústria europeia, e em especial a indústria consumidora intensiva de energia como são os casos das indústrias do alumínio, do cimento, do vidro e de alguns produtos químicos (em que o fator energia conta entre 30 a 40% dos custos de produção) irá competir se os preços da eletricidade na UE se situam no dobro e os do gás natural em quatro vezes dos EUA?

Em segundo lugar, os papéis dos produtos energéticos importantes e dos seus sistemas de abastecimento, tais como produtos derivados do petróleo e a refinação, são completamente ignorados; ou pior excluídos até da referida estratégia, por envolver “tecnologia ultrapassada” e “modelo de negócio ultrapassado” e por implicar o uso de trabalho pouco qualificado. A realidade é o oposto: (a) segundo

as previsões da AIE, no ano de 2040 os produtos petrolíferos representarão ainda 77% do consumo energético. A UE precisará portanto de produtos derivados do petróleo por muitos anos e a sua substituição nos transportes e na indústria exige maiores avanços tecnológicos; (b) Por outro lado, e de acordo com análises da própria Comissão Europeia relatadas no “European Competitiveness Report 2013”, a indústria da refinação petrolífera ocupa o primeiro lugar na Europa no campo da inovação de processo, o quarto lugar no campo da inovação de produto e finalmente, (c) o segundo lugar na escala das indústrias transformadoras europeias em termos do nível de educação escolar dos seus empregados, utilizando mão-de-obra altamente qualificada.

Em terceiro lugar, com exceção de algumas propostas detalhadas para a eletricidade, existe um grande desfasamento entre a visão definida e a realidade atual quanto ao uso de energia. O necessário equilíbrio e as etapas de transição economicamente realistas, precisam de muito mais trabalho para fazer deste, um pacote real.

As razões apontadas, levaram a Deputada do Parlamento Europeu Elisabetta Gardini, membro da Comissão do Meio Ambiente, da Saúde Pública e da Segurança Alimentar, a perguntar pertinentemente à Comissão, em que medida é que os atributos referidos em (a), (b) e (c) foram tidos em consideração na definição da estratégia para uma União Energética na UE, e se foram devidamente calculados os riscos de não incluir o papel dos produtos petrolíferos nessa estratégia, tendo estes um peso determinante ainda por muitos anos na área do transporte, como matéria-prima para a petroquímica e para a cadeia de abastecimento da área industrial.

A resposta dada pelo Sr. Arias Cañete (Acção Climática e Energia), em nome da Comissão, em 23 de junho foi:

“O objetivo de uma União de Energia resiliente tendo como tema nuclear uma política climática ambiciosa, é dar aos consumidores da UE - famílias e empresas – energia segura, sustentável, competitiva e a preços acessíveis. Alcançar esse objetivo

exigirá uma transformação fundamental do sistema de energia da Europa, nomeadamente através de uma economia sustentável, de baixo carbono e respeitadora do clima, projetada para durar, para além dos méritos dos diferentes tipos de fontes de energia.

Neste contexto, a Comissão segue de muito perto os desenvolvimentos no sector de refinação da UE. A Comunicação da Comissão de 2014 sobre a Estratégia de Segurança Europeia da Energia reconheceu a importância de manter uma capacidade de refinação competitiva na Europa, a fim de evitar a dependência excessiva da importação de produtos petrolíferos refinados. A Indústria de refinação da UE tem algumas das refinarias mais energeticamente eficientes e inovadoras do mundo, e tem investido significativamente para dar cumprimento à legislação da UE em termos de qualidade dos combustíveis, ar, clima e outras; e também para atender às expectativas de continuação da elevada procura por destilados médios, sobretudo gasóleo rodoviário, pelo menos nos anos vindouros. Apoiar os esforços da indústria de refinação da UE para que seja eficiente e inovadora, confere valor acrescentado e pode contribuir para alcançarmos os nossos objetivos ambientais e climáticos e, ao mesmo tempo, garantir a competitividade das refinarias na UE.”

Cabe-nos dizer que nos apraz evidenciar na resposta dada pela Comissão, pelo menos o reconhecimento, de que a estratégia energética Europeia se tem que basear no equilíbrio entre todos os produtos energéticos, incluindo os produtos de petróleo, na economia, deverá estar igualmente focada no custo da energia e na competitividade, e deverá reconhecer a necessidade de manter sistemas energéticos existentes competitivos, como a refinação, que acrescenta valor, continuará a ser indispensável nas próximas décadas, garante o crescimento económico da UE, é líder mundial em eficiência energética e inovação, e assim poderá continuar a investir no mercado Europeu, mantendo a produção na UE e mantendo o emprego e o conhecimento tecnológico.

Apetro

30/06/2015